

NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA DE FORMAÇÃO DOCENTE COM A ANCESTRALIDADE DO MESTRE DA CULTURA DANDIM

Aracely Albuquerque Vicente

Prof. Dr. Luis Eduardo Torres Bedoya (orientador)

RESUMO

A presente pesquisa aborda a experiência de vida da autora a partir de uma perspectiva ancestral, fundamentada na história de vida de Mestre Dandim, cuja atuação como Mestre da Cultura influenciou profundamente na educação cultural e na formação docente da autora. O objetivo é evidenciar como os saberes ancestrais transmitidos por Mestre Dandim, especialmente aqueles ligados às raízes familiares e indígenas, contribuem para a compreensão da ancestralidade na vida do sujeito em sociedade. Esses saberes não apenas impactam a formação docente, mas também moldam a forma de atuação profissional, assegurando a preservação da cultura viva para as próximas gerações. A reflexão está embasada nos estudos de Ferrarotti (1988), Passeggi (2011), Rios (2013) e Santos (2006). A metodologia empregada é autobiográfica, com uma abordagem qualitativa, considerando tratar-se de uma investigação em processo de construção. Conforme a narrativa revela, o indivíduo torna-se sujeito social consciente de si, partindo da educação dos outros", e, ao integrar tempo e espaço, constrói sua própria identidade. Nesse contexto, a ancestralidade desempenha papel central na formação docente, permitindo que cada educador compreenda e valorize a riqueza cultural que permeia sua trajetória pessoal e profissional.

Palavra-chave: Narrativa autobiográfica, Ancestralidade, Mestre da Cultura Dandim, Formação docente e Educação

AUTOBIOGRAPHICAL NARRATIVE OF TEACHER TRAINING WITH THE ANCESTRY OF MASTER OF DANDIM CULTURE

ABSTRACT

This research addresses the author's life experience from an ancestral perspective, based on the life story of Mestre Dandim, whose role as Master of Culture profoundly influenced the author's cultural education and teaching training. The objective is to highlight how the ancestral knowledge transmitted by Mestre Dandim, especially those linked to family and indigenous roots, contribute to the understanding of ancestry in the subject's life in society. This knowledge not only impacts on teacher training, but also shapes the way of professional practice, ensuring the preservation of living culture for future generations. The reflection is based on studies by Ferrarotti (1988), Passeggi (2011), Rios (2013) and Santos (2006). The methodology used is autobiographical, with a qualitative approach, considering that it is research in the process of construction. As the narrative reveals, the individual becomes a social subject aware of himself, starting from the education of others, and, by integrating time and space, builds his own identity. In this context, ancestry plays a central role in teacher training, allowing each educator to understand and value the cultural richness that permeates their personal and professional trajectory.

Keywords: Autobiographical narrative, Ancestry, Master of culture Dandim, Teacher training and Education.

NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA DE LA FORMACIÓN DOCENTE CON LOS CONOCIMIENTOS ANCESTRALES DEL MAESTRO DE LA CULTURA DANDIM

RESUMEN

Esta investigación aborda la experiencia de vida de la autora desde una perspectiva ancestral, a partir de la historia de vida del Maestro Dandim, cuyo rol como Maestro de la Cultura influyó profundamente en la educación cultural y en la formación docente de la autora. El objetivo es resaltar cómo los conocimientos ancestrales transmitidos por el Maestro Dandim, especialmente aquellos vinculados a las raíces familiares e indígenas, contribuyen para la comprensión de la ancestralidad en la vida del sujeto en la sociedad. Este conocimiento no sólo impacta la formación de las profesoras y de los profesores, sino que también moldea la forma de su práctica profesional, asegurando la preservación de la cultura viva para las generaciones futuras. La reflexión se basa en los estudios de Ferrarotti (1988), Passeggi (2011), Ríos (2013) y Santos (2006). La metodología utilizada es la autobiográfica, con un enfoque cualitativo. Como revela la narrativa, el individuo se convierte en un sujeto social consciente de sí mismo, a partir de la educación de los demás" y, integrando el tiempo y el espacio, construye su propia identidad. En este contexto, los conocimientos ancestrales juegan un papel central en la formación de las profesoras y de los profesores, permitiéndoles comprender y valorar la riqueza cultural que permea su trayectoria personal y profesional.

Palabras clave: Narrativa autobiográfica, Conocimientos ancestrales, Maestro de la cultura Dandim, Formación de profesoras/es y Educación.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa reflete sobre a trajetória de formação docente da autora a partir de uma perspectiva ancestral, fundamentada na história de vida de Mestre Dandim. Escultor e curandeiro espiritual, Mestre Dandim deixou um legado que ultrapassa os limites familiares, consolidando raízes indígenas e culturais que inspiram a identidade pessoal e profissional. Com base em narrativas (auto)biográficas, busco explorar a influência dos saberes ancestrais na formação docente, refletindo sobre o impacto da educação cultural e comunitária na construção de sujeitos sociais e educadores.

Este trabalho é um desdobramento da disciplina *Autobiografia e Educação* do curso de Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), realizada em 2023. A partir dele, procuro compreender como as memórias de

vivências comunitárias e a ancestralidade moldam a formação docente, valorizando o conhecimento herdado e transmitido entre gerações. O objetivo é evidenciar que esses saberes contribuem significativamente para manter viva a cultura e para transformar a prática pedagógica, influenciando tanto a formação de educadores quanto a educação de jovens.

Para embasar a discussão, levanto algumas questões centrais: como a memória de nossos ancestrais influencia nossa formação docente? De que maneira os saberes e fazeres vivenciados no contexto comunitário podem ser resgatados e integrados ao processo educacional? Como esses conhecimentos promovem uma consciência histórica e fortalecem as relações humanas nas comunidades? Passeggi (2011, p. 153) nos ajuda a pensar nesse sentido ao afirmar que: “o processo de reflexão biográfica em grupos reflexivos situa o coletivo no seio de uma prática individual e o indivíduo no seio de uma prática coletiva, em que se alternam a escrita de si (autobiografia) e a compreensão de si pela história do outro (heterobiografia)”.

Com base nesse pensamento, a pesquisa enfatiza a importância de resgatar e valorizar os saberes ancestrais na formação docente, questionando a marginalização desses conhecimentos no contexto acadêmico. A exclusão de práticas culturais essenciais, muitas vezes tratadas como informais pela ciência, resulta em perdas significativas para a educação e para a sociedade, enfraquecendo o elo entre a formação docente e as experiências culturais que moldam as identidades dos sujeitos.

A experiência de vivenciar e refletir sobre a história de Mestre Dandim, reconhecido como Mestre da Cultura por artistas e autoridades locais, reforça a relevância da ancestralidade na formação pedagógica. A relação com sua trajetória como escultor e curandeiro espiritual, marcada por raízes indígenas e pela forte presença cultural na comunidade, representa um patrimônio imaterial que precisa ser valorizado na educação e na formação de educadores. De acordo com Josso (1988, apud Soares, 2010), “o sujeito não pode entender o sentido da autoformação se não perceber as lógicas de apropriação e transmissão de saberes que viveu ao longo da vida, através de suas aprendizagens pelas experiências”.

Ao valorizar a história de vida como parte integrante do processo educativo, esta pesquisa busca descolonizar a metodologia de ensino e destacar o papel dos saberes ancestrais na formação docente. Esses saberes, muitas vezes relegados ao segundo plano

pelas instituições acadêmicas, têm o poder de transformar a prática pedagógica, promovendo uma maior valorização da cultura, das memórias e das tradições na construção de educadores comprometidos com a preservação e transmissão de seus valores para as futuras gerações. Dessa forma, é possível ampliar os horizontes da educação, conectando a formação acadêmica às experiências culturais que nos tornam quem somos e moldam o que seremos como sociedade.

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

Ancestralidade e Autobiografia: uma perspectiva pedagógica

A ancestralidade é um conceito ético em sua dimensão de sociedade. Para essa compreensão é possível estar diante da afrodíapora, conforme trazido por Noguera em três dimensões,

(...)as sociedades falantes de idiomas do tronco linguístico bantu compartilham a noção de que a comunidade possui três dimensões: os ancestrais, os que estão vivos e os que ainda não nasceram. A ética deve levar em consideração as três dimensões. Se a realização de uma pessoa está sempre na interação com todas as outras pessoas. É indispensável levar em conta os ancestrais e os que estão por vir, (Noguera, 2012, p. 148).

Para esta reflexão é trazida importância de estar consciente de vivenciar e sentir pertencimento a nossa própria ancestralidade, e que existe uma geração viva hoje, que faz sentido ao que nós podemos tornar como sujeitos sociais. O que você torna hoje, com quem fez ou faz parte de nós, considerando que nossos ancestrais, a geração hoje e as futuras gerações são princípios para nos encontrarmos com nós mesmos e com nossas raízes e permanecerem vivas. É essa linhagem ancestral que nos ensina e nos faz aprender a viver em comunidade, a relacionar-se com a natureza, a experimentar e vivenciar juntos saberes e fazeres, em suas diversidades pluriculturais.

Diante desta compreensão do que somos enquanto ancestralidade, podemos referenciar que: “em termos de princípio, remete a capacidade de criar, inventar e usar toda nossa capacidade para deixar tudo que herdamos de nossos ancestrais – a comunidade, os bens, o meio ambiente e toda a cultura – mais belas, belos, confortáveis e funcionando adequadamente para os que virão”, (Noguera, 2012, p. 149).

No entanto, a concepção de ancestralidade dentro da perspectiva pedagógica, possibilita-nos a compreender quem nós somos, por que nossos ancestrais vieram antes de nós e nossa pertença com eles, e que por eles e pelos que virão que estaremos aqui. No campo pedagógico é possível construir conhecimentos, e aprender que o seu lugar é a partir do reconhecimento de si mesma e dos outros. É nesta coletividade humana para se aprender uns com os outros. É basicamente o que se pratica na filosofia “ubuntu”, baseando na compreensão da existência “eu sou porque nós somos”. Esta maneira de viver em sociedade, permite reconhecer o outro, podendo deste modo contribuir na formação do ser humano, por intermédio do reconhecimento do próximo e sua existência, enquanto o contrário pode impactar negativamente nas relações sociais, entretanto buscamos o fazer pedagógico como caminho possível para combater o pensamento preconceituoso entre os seres.

Diante da discussão, trazemos o fazer pedagógico com estratégias para uma educação humanizada, onde o olhar do pedagogo (a) para ensinar a ver o mundo e suas capacidades de interação humana, em que o conhecimento é ampliado e compartilhado. Mas quando se trata de uma educação de desumanização de outros seres humanos é um impedimento para o autoconhecimento e a capacidade de desfrutar de todas as nossas potencialidades humanas. O que significa que uma pessoa precisa estar inserida numa comunidade, trabalhando em prol de si e de outras pessoas, Nogueira, (2012).

Seguindo assim diante da prática pedagógica, é importante considerar que o educador que tem o desafio em busca de um espaço escolar mais humanizado, é preciso pensar como tornar possível esse processo educacional, e um dos caminhos possíveis poderá ser em articular as disciplinas de artes com todas as demais que compõem o currículo escolar, na luta por uma educação decolonial, incluindo a cultura de cada grupo social como parte deste processo, para que os estudantes em formação hoje, sejam agentes transformadores na sociedade, e reflita na construção de sua própria história e de um impacto relevante nas relações sociais para as futuras gerações.

A autobiografia historicamente falando, tem sua relevância desde o surgimento e reflete na sociedade e nas licenciaturas nos dias de hoje. Para que possamos conhecer, é possível identificar que se trata da abordagem das,

(...) histórias de vida e a consolidação em um contexto moderno. Na cultura Grega, a temática surge no século V a.C com a denominação de bios. Dez séculos depois d.C, encontra-se o termo “biografia” e “autobiografia” vinte e

quatro anos depois, em meados do ano de 1800, na Alemanha e Inglaterra. Pineau (2006) reagrupa ainda em três subconjuntos as diferentes correntes que procuram, (Rodrigues, SA, p. 09).

Alguns teóricos conceituam o termo autobiografia, primeiramente abordamos o que definiu Passeggi (2006), (Severino, 2002; *apud* Junior, 2023, p. 113), que autobiografia é um campo de pesquisa que permite fundamentar o valor da biografia na produção científica e cultural. Tendo em vista que, para Nascimento (2013), deparamo-nos com as histórias de vida, biografias, autobiografias e narrativas individuais e coletivas que podem ser utilizadas na pesquisa, como processo de produção de conhecimento relativo à educação escolar na formação cidadã dos alunos e em trabalho dos docentes e alguns aspectos relacionados ao fenômeno educacional, visando sua formação social.

Neste momento, dialogar pedagogicamente com a autobiografia cria condição do docente construir troca de saberes e fazeres, entre educadores/as e alunos/as, zelando interesse em cuidados individuais e coletivo, focalizando que o docente precisa lutar pela decolonialidade dos currículos, levando em consideração a conteúdos étnico-raciais. Nesta perspectiva, aponta Ramos e Siqueira, (2022, p.74), que “problematizar as questões políticas e pedagógicas relacionadas à implementação dos conteúdos da educação étnico-racial nos currículos e nas práticas educacionais, a fim de que estes sejam tratados de forma a garantir uma formação humana antirracista e decolonial”.

Penso num trabalho cotidiano escolar do educador, em ser fundamental no processo educacional, onde o fazer do profissional da educação, em busca de descolonizar o currículo é perceber até onde o racismo e a exclusão desumaniza as pessoas, e dentro desta perspectiva, as práticas pedagógicas nos tornam transformadores de sujeitos sociais, partindo da troca de saberes.

Assim, ao criar novos caminhos de aprendizagens e compreender que o espaço escolar organizado com salas tradicionais, ensina-se certas coisas, aponta regras, normas, tendo em vista que, a turma organizada de maneira aberta e circularidade, ensina-se outros tipos de conhecimentos, princípios e valores, coletividade, ancestralidade, lugar de fala sobre si e o outro, formas de pensar, refletir, movimentar, que traz uma perspectiva de uma educação descolonizadora.

Posto isto, o trabalho coletivo tem significado fundamental na prática pedagógica. Aponta o Júnior, (2023, p. 56) que “na pedagogia, trabalhávamos em equipe e os grupos procuravam evitar a divisão alienada do trabalho, tencionando a prática, política e

pedagógica, na interatividade com alunos e alunas, em direção à formação continuada e permanente”. O individualismo pela reflexão que se pode fazer, foge da ideia da coletividade e proporciona uma compreensão limitada, onde cada uma pessoa individualmente quer aprender sem possibilidade de partilhar com os demais.

A Pedagogia em que não há alienação, traz experiências com interação da formação contínua e frequente no cotidiano escolar e social. É preciso que o educador/a tenha uma dinâmica profissional com responsabilidade na educação do outro, bem como o aluno ou a aluna serem co-responsáveis pelo seu aprendizado, aberto ao seu próprio reconhecimento de identidade cultural e a compartilhar conhecimento com outras pessoas.

Para este entendimento, a autobiografia desperta o intuito de conhecer a si mesmo, para conhecer e contribuir com a história do outro, através da educação interativa, de uma convivência mútua e, que faça sentido na educação e formação cidadã do ser humano, como sujeito capaz de transformar a sociedade no âmbito social, cultural, educacional e/ou político.

A fim de trazer essa problematização na perspectiva pedagógica, a teoria e a prática são elementos primordiais para que a ancestralidade e a autobiografia nos reconheçamos na formação docente, o que somos, para quem somos. Assim, ao adquirir autonomia e empoderamento, a inclusão não permite excluir, o fortalecimento não permite oprimir. Então, cientificamente e humanamente, a epistemologia pode explicar como o ser humano adquire e justifica seus conhecimentos, para viver socialmente diante das diversidades culturais, educacionais e políticas em que estamos inseridos. Para reafirmarmos nossa condição de ser capaz, trazemos o seguinte questionamento,

(...) de caráter epistemopolítico, que coloca no centro do processo a capacidade humana de reflexividade autobiográfica. Acredita-se na capacidade do sujeito de elaborar táticas de emancipação e empoderamento, suficientemente boas para superar interpretações culturais excludentes, que o oprimem, (Passeggi, 2012, p. 308).

Ao analisar os conceitos de Ancestralidade e Autobiografia, pode ser complexo, mas tornam-se essenciais a serem abordadas para os/as pedagogos/as, entre outras licenciaturas no geral. É preciso que os discentes experienciem a escrita e a oralidade da Autobiografia na formação docente, onde mostrará um mundo de “experiências existentes na autobiografia e nas práxis docente e discente, inspiradas nas tensões da

interdisciplinaridade e transdisciplinaridade; na experiência com a pedagogia popular e problematizadora”, (Junior, 2023, p. 111). Em defesa desta reflexão, a educação recebida por nossos ancestrais é libertadora e, transcende limitações de aprendizados. Acredito que conhecer a nossa própria história, dar possibilidades de reconhecer a história do outro, e seremos educadores que nos torna capazes de transformar a própria vida, assim como a vida do outro que encontramos em nossa trajetória.

Narrativa biográfica: o meu olhar sobre o meu avô, Mestre Dandim

A narrativa autobiográfica permite que o indivíduo se reconheça como sujeito social e consciente de si, partindo da educação de si e dos outros, onde tempo e espaço das memórias, influenciados pela ancestralidade, constituem a matéria-prima da identidade - como experiência na construção de minha formação docente.

Ao longo deste estudo, destaco o contexto cultural e educacional que, desde a infância, despertou em mim o desejo de estudar, escrever, aprender e ensinar. Decidi me tornar pedagoga quando reconheci minha ancestralidade, uma herança resgatada pela história de vida e pelos ensinamentos do meu avô paterno, Mestre Dandim. Foi no encontro com a vida acadêmica que a educação cultural familiar se consolidou como um pilar na construção da minha formação docente. Nesse contexto, dialogo com Passeggi (2011, p. 153), que nos provoca a refletir:

Não é sem razão que a noção da consciência vem, atualmente, tornando-se uma temática importante em psicologia, na perspectiva histórico-cultural, como afirmam Bronckart (2002) e Clot (2002). Ela nos ajuda a conceitualizar o processo de resignificação da experiência que se opera pela narrativa, durante e pela mediação biográfica (Passeggi 2011, p. 153).

Minha trajetória acadêmica no método autobiográfico possibilitou reencontrar a história artística de minha família paterna. Essas descobertas moldaram parte de quem sou hoje e estão profundamente entrelaçadas com a memória de um nascimento em Fortaleza, Ceará, às 22h, quando fui acolhida como a primogênita de João Vicente Filho e Lúcia Guimarães Albuquerque Vicente. Minha infância, vivida em Pacatuba - Ceará, foi permeada por tradições como a música que meu pai colocava para eu dormir, uma herança que atravessa gerações, influenciando até mesmo minhas práticas pedagógicas.

As gerações da minha família mantêm vivas heranças ancestrais de saberes e fazeres, transmitidos por meu avô, Mestre Dandim, e por meu pai, João Vicente Filho.

Meu avô foi escultor, curandeiro e Mestre da Cultura; meu pai é professor e artesão. Eu, a autora, sou produtora cultural, bacharela em Humanidades, pedagoga em formação e pesquisadora na área de Narrativas Autobiográficas na Formação Docente. Minha filha, Maria Clara, já se apresenta como bailarina, violinista e artista em potencial. Nosso Alfa, um filho com o genitor Tchernó Sado Canté, uma criança de nossa família e de todos nós nascerá neste ano e tradicionalmente, será educado por todos em sua volta. Seguirá seu próprio caminho, dentro de uma família que valoriza a cultura e a educação como princípios vivos por várias gerações.

Mestre Dandim, meu avô paterno, nasceu em 15 de outubro de 1921 e faleceu em 27 de maio de 2017, deixando um legado inestimável. Filho de Raimundo Vicente da Silva e Maria Izabel da Silva, ele viveu grande parte de sua vida na Serra da Aratanha, em Pacatuba, onde foi pedreiro, escultor e curandeiro espiritual. Apesar de sua alfabetização tardia, tornou-se autodidata em artes e espiritualidade, dedicando-se à escultura em barro e madeira e à prática da cura espiritual, que atraiu muitos na região.

A trajetória artística de Mestre Dandim ganhou reconhecimento local e regional, com suas esculturas expostas em espaços turísticos e culturais, como o Museu Histórico de Pacatuba/Ceará e o Mini Museu Firmeza em Fortaleza/Ceará. Suas obras, enraizadas nos saberes afro-indígenas, transmitiram valores ancestrais às novas gerações, especialmente ao seu neto Valdir Farias, que herdou seu talento para esculpir madeira e barro.

Meu avô, em sua jornada artística, chegou a esculpir uma estátua de si mesmo, tão fiel que confundia os visitantes com ele mesmo. Essa obra, embora atualmente deslocada, permanece como símbolo de sua originalidade e identidade. Seu legado, que integra espiritualidade, arte e valores culturais, me inspira como pesquisadora e educadora em formação, reforçando o papel da memória ancestral na construção da identidade.

Nesse contexto, a pesquisa sobre minha ancestralidade e seu impacto na formação docente não apenas resgata memórias familiares, mas também propõe um olhar crítico para a educação e para a valorização das heranças culturais marginalizadas. Conforme Gonçalves (2020),

Por meio deste trabalho de memória, propomos trazer à tona questões consideradas altamente relevantes a fim de ajudar a compreender a realidade de racismo vivenciada pelos negros e propiciar um instrumento para se

repensar novas práticas no processo de reformulação dos cursos de formação de professores. (Gonçalves, 2020)

Assim, ao narrar minha história, entrelaço-a com questões etno-raciais, reflexões sobre racismo estrutural e estratégias para sua desconstrução no ambiente escolar, buscando fortalecer a formação docente. A memória de meus antepassados paternos e maternos: bisavôs, bisavós, avôs, avós, tios, tias, primos, primas, especialmente meu avô Mestre Dandim - reforça a importância da ancestralidade na preservação cultural e na formação de uma identidade narrativa, que, como afirma Santos (2006), “responder à questão ‘quem?’ é contar a história de uma vida”.

Inspirada por esses ensinamentos e vivências, sigo como pesquisadora comprometida em preservar e transmitir nossa herança cultural às futuras gerações, mantendo viva a memória de quem somos e de onde viemos, enquanto construímos, coletivamente, uma sociedade mais consciente e inclusiva.

3 METODOLOGIA

O trabalho utiliza o método (auto)biográfico como base metodológica, fundamentado na narrativa de vida para analisar a influência de Mestre Dandim na trajetória da autora como educadora. Ferrarotti (1988, p. 30) destaca que “na perspectiva psicossocial, o ser humano admite em sua compreensão dois sentidos que qualificam sua existência: universal pela universalidade singular da história humana, singular pela singularidade universalizante dos seus projetos”. A narrativa autobiográfica permite resgatar e reinterpretar memórias familiares e comunitárias, destacando sua importância na formação de sujeitos educadores. Como enfatiza Bolívar (2002, p. 111, *apud* Soares, 2010), “narrar a história de nossa vida é um auto interpretação do que somos, uma encenação através da narração”. Assim, a abordagem autobiográfica proporciona um resgate das experiências familiares e culturais que moldaram minha identidade, ressignificando práticas e saberes que se tornaram essenciais na construção de minha atuação docente.

Assim, Gonçalves (2020), citando Benites, Ferreira, Gomes, Romero e Sousa:

[...]Este trabalho vincula os aspectos metodológicos e teóricos à narrativa autobiográfica do processo de desenvolvimento profissional, apoiadas principalmente em Benites (2007), Ferreira (2014), Gomes (2002; 2005),

Romero (2010) e Souza (2016), dando luz à relevância desse tipo de pesquisa para os cursos de formação de professores/pesquisadores [...] p. 282.

Neste contexto, procuramos incansavelmente relatos históricos e culturais e, para contribuir neste processo autobiográfico, é utilizado oralidade para reconstituir nossas memórias, dos familiares, amigos, vizinhos e pessoas que fizeram e fazem parte dessa história, a fim de que os registros históricos ancestrais sejam narrados, preservados e vivos pelas futuras gerações. Além de ter a importância de ressignificar as nossas experiências de vida pelas narrativas através do método autobiográfico, para implementar nas licenciaturas das academias, como processo formativo de formação docente.

4 ANÁLISE E RESULTADOS

Os Mestres de Cultura são patrimônios culturais imateriais, popularmente conhecidos por terem um conhecimento de saberes e fazeres dentro da comunidade ou da região em que vive e, que sua referência cultural seja transmitida como parte de sua tradição ancestral, a fim de preservar valores e riquezas culturais da própria família, mas também repassar a importância da valorização dos mestres nas futuras gerações e no âmbito comunitário e social, sendo assim ter seu reconhecimento faz parte de manter viva uma tradição de experiências sociais, culturais, políticas e econômicas com trabalhos artísticos e religiosos na família e na sociedade.

No trecho do livro, o que é gestor cultural. LABBÈ (2017, *apud* SEN, 2017, p. 62) por sua vez, aponta:

As discussões mais recentes sobre a valorização do patrimônio – material e imaterial – indicam que aquilo que sobrevive no tempo é o vínculo ou a ligação com um “presente” ou com uma lembrança do passado e depende da capacidade do receptor de compreender o sentido fornecido pelo bem doado ou herdado.

Os patrimônios culturais imateriais são considerados tesouros vivos para uma reflexão dentro da notoriedade de seus saberes e seus fazeres, mas que as gerações no enfrentamento para reconstruir, preservar e manter a cultura viva, bem como a importância de partilhar na sociedade de geração em geração, e que isso mostra o valor da ancestralidade na vida comunitária e na sociedade, e é fundamental para nossa formação docente.

Diante deste contexto, vale ressaltar a teoria que discute e propõe repensar sobre a existência humana, é notório que é preciso refletir sobre o que Santos (2006, p. 1, *apud* Ricoeur, 1994, p.15) afirma: “Um mundo exibido por qualquer obra narrativa é sempre um mundo temporal. (...)”. A construção de nossa história de vida em seu tempo e espaço, em que nossas memórias ancestrais têm representatividade na educação familiar para formação de identidade e para a identidade narrativa, que parte da história de vida do outro que faz parte de nós.

Para esta discussão Santos (2006) em suas afirmativas que há uma aproximação de si com o outro nas narrativas autobiográficas, traz uma reflexão que admite:

O frágil rebento oriundo da união entre a história e da ficção é a atribuição a um indivíduo ou a uma comunidade de uma identidade específica que podemos chamar de identidade narrativa. O termo “identidade” é aqui tomado no sentido de uma categoria prática. (...) responder à questão “quem? ”, como disse Hannah Arendt, é contar a história de uma vida” [...] (Ricoeur, 1997^a, p.424 *apud* Santos, 2006).

Diante das narrativas, entrelaço com o mundo temporal, e escrevo sobre as heranças culturais que adquiri para que hoje eu sinta parte de quem sou hoje. Faz-me reencontrar com meus descendentes ancestrais.

Dentro desta reflexão fica evidente que onde existe a coletividade no âmbito de uma prática individual, também há uma individualidade no âmbito da prática coletiva, em construção de nossa subjetividade e identidade, baseado na própria história de vida da autora.

A exemplo que dentro de uma sociedade, o ser humano para desenvolver um projeto de vida para si e para a sociedade, profissionalmente em outro patamar social é buscar as possibilidades dessa construção humana, dentro na formação docente no processo acadêmico, nas experiências ao longo da vida e dentro da consciência de que através de formação na educação pedagógica e cultural, as experiências com relatos de história de vida familiar que representa, nesta construção identitária cada vez mais forte, e que essa formação de sujeito em sociedade, parte de convivências diretas com suas vidas, em alguns momentos inspirados na nossa ancestralidade e, com outros entes presentes, é que a nossa história continue viva para as futuras gerações.

A exemplo a qual pesquisamos, apontam evidências que reforçam as questões etno- raciais, que trazemos para reflexões para futuros docentes que precisam ter

conhecimento dentro da formação acadêmica, sobre como lidar no cotidiano com o racismo enraizado na sociedade e na escola, e como desconstruir essa prática com desde a infância, preparando o professor na formação dentro das licenciaturas.

Para tanto, podemos refletir com Gonçalves (2020) quando menciona que:

Por meio deste trabalho de memória, propomos trazer à tona questões consideradas altamente relevantes a fim de ajudar a compreender a realidade de racismo vivenciada pelos negros e, propiciar um instrumento para se repensar novas práticas no processo de reformulação dos cursos de formação de professores. (GONÇALVES, 2020, p. 284).

Assim, como parte viva da história desta miscigenação de diferentes etnias, que tem uma identidade adequada ao resgate da cultura destes povos, na qual a construção identitária nos constitui e nos aproxima destes costumes e tradições, das heranças ancestrais que tanto nos mantém por perto da cultura e da educação, com filosofias de vida tão próximas da família, e da maneira que recebemos educação, reafirmando assim, cada vivência com nossos bisavôs/ós, avô/ós, tios/as, primos/as, pai e mãe e todos os ensinamentos que nossos antepassados podem nos dar na trajetória de vida e acadêmica.

A referida pesquisa na área da educação e cultura evidencia que as origens familiares e a linhagem ancestral com bisavôs/ós, avô/ós, tios/as, primos/as, pai e mãe, principalmente de heranças indígena e africanas, mostra as diversidades dos povos que historicamente seus saberes foram marginalizados, desde a história da formação do povo brasileiro à nossa própria história de vida.

Diante desta tradição familiar que cultua fortemente nossas raízes na arte, na educação, na cultura da família, que deixam heranças com o passar dos anos, também as profissões e os modos de vida resgatam essa ancestralidade com ensinamentos que passam de gerações em gerações. As novas gerações surgem e, culturalmente as famílias se constituem em novos contextos sociais, culturais, econômicos, políticos, embora sua formação seja dentro de uma sociedade capitalista, os modos de vida são diferentes e desiguais, a resistência e a luta para sobrevivência continuam, independente de qual século estejam, a ancestralidade e suas raízes culturais mantenham vivas para que haja sobrevivência.

Tendo esta pesquisa em andamento, mesmo com alguns resultados, é importante sua continuidade por tratar-se de um aprofundamento relevante para a formação humana e docente, vinculada a uma singular educação familiar, de importância social e cultural

para as futuras gerações.

5 CONSIDERAÇÕES

A pesquisa (auto)biográfica permitiu refletir sobre tradição familiar da autora, mostrando como a vida comunitária está profundamente ligada à ancestralidade, remetendo à formação de si e do outro. A educação recebida pela autora moldou parte de quem ela é, e influenciou todo o seu processo de formação cultural e social. Assim, o estudo destacou a importância das metodologias de pesquisas autobiográficas na educação, especialmente para valorizar as descendências ancestrais, resgatar memórias e modos de vida, promovendo a interseção entre educação e cultura dentro da família e na vida escolar, inspirada pelo legado do avô, o Mestre de Cultura Dandim, a autora encontrou caminhos para salvaguardar vossas tradições, projetando-as para as próximas gerações e contribuindo de forma significativa para a formação humana e docente.

A relevância da cultura viva da família tem sido um pilar na jornada da autora, na qual se inspira profundamente. Esses entes queridos e queridas, cuja memória fortalece, são a base deste trabalho acadêmico. Com isso, rememorar a cultura e a educação que vivemos, integrando-as ao presente e pretendendo manter esse tesouro vivo para as próximas gerações, incluindo a geração vindoura que, hoje, carrego em meu ventre.

REFERÊNCIAS

FERRAROTTI, Franco. **Sobre a autonomia do método biográfico**. In: NÓVOA, Antônio; FINGER, Matthias (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Cadernos de Formação No 1. Lisboa: Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988.

GONÇALVES, Sabrina Aparecida; DE SOUZA ROMERO, Tania Regina; AMORIM, Marcia Fonceca. **Autobiografia docente: o percurso da construção da identidade étnico-racial na formação de uma professora**. Travessias, v. 14, n. 1, p. 281-298, 2020.

LABBÉ, María Paulina Soto. **O que é um gestor cultural**. In: Políticas culturais: conjunturas e territorialidades. Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br>. Acesso em: 23 nov. 2024.

NASCIMENTO, Núria Renata Alves. Memórias da prática pedagógica: autobiografia de uma educadora em formação. 2013.

NOGUERA, Renato. Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectiva. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 3, n. 6, p. 147-150, 2012.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **A experiência em formação**. Educação, v. 34, n. 2, p. 147-156, 2011.

RODRIGUES, Hellen Cris de Almeida. **Narrativas Autobiográficas e a Constituição da Identidade Docente**: a configuração da experiência formadora por meio do Estágio Supervisionado, SA. Acadêmica de Pedagogia cursando 9º semestre e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Educacionais, Autobiográficas, Interdisciplinares e Interculturais de Roraima – GEPAIIRR.

SANTOS, Márcia Pereira dos. **A compreensão do si mesmo e do outro em autobiografia: contribuições ricoeurianas na escrita da história**. Emblemas, v. 1, n. 2, 2006.

SOARES, AMF; SOBRINHO, Mendes; DE CARVALHO, José Augusto. **Autobiografia e formação docente: caminhos e perspectivas para prática reflexiva**. In: **ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA UFPI**, 6., 2010, Teresina. Anais... Teresina: UFPI, 2010.

VEIGA JÚNIOR, Álvaro. **Teorização do estudar e epistemologia social como potencialidade da educação: a práxis pedagógica perpassa a autobiografia**. 2023.